

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**O papel do Educador na brincadeira das crianças, em
contexto de creche**

Lúcia Maria P. P. G. Simão

Relatório Final realizado no âmbito da Área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Lisboa
Junho de 2013

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**O papel do Educador na brincadeira das crianças, em
contexto de creche**

Lúcia Maria P. P. G. Simão

Relatório Final realizado no âmbito da Área
Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Orientadora. Raquel Delgado

Lisboa

Junho de 2013

Ano letivo 2012/2013

Agradecimentos

Às Educadoras Cooperantes dos Estágios respeitantes ao Ano Letivo 2010/2011, na valência de Creche e na valência de Jardim de Infância, Cristina Ferrão, Dra. Ana Ramalheira e Manuela Rosa, por me ajudarem a tornar um ser humano e uma profissional melhor.

Às Professoras Mestres Raquel Delgado, Manuela Fonseca, Celeste Ribeiro, Helena Mota, pela sua partilha, dedicação e amizade para com todos e cada um dos alunos, bem como por toda a sua disponibilidade e apoio.

Aos meus pais por tornarem possível e compreenderem a concretização deste sonho de realização deste Curso de Licenciatura em Educação Básica e respetivo Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Ao meu namorado e companheiro por todo o apoio e carinho e força que me deu durante todo o curso para ultrapassar todas as dificuldades e partilhar todas as alegrias.

Às minhas colegas de Curso e amigas Vera Silva, Joana Baiona, Marta Rei e Teresa Pinto por todo o apoio e amizade.

A todos Professores da ESEI Maria Ulrich por tudo o que me ensinaram e comigo partilharam.

A todas as Educadoras Cooperantes de todos os Estágios que realizei ao longo do Curso pelo exemplo de profissionalismo, dedicação e excelência na atuação pedagógica.

RESUMO

No âmbito da Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada PES, foi-nos proposto realizar um estudo exploratório.

Assim, este trabalho consiste no relatório final sobre o referido estudo exploratório e que emergiu de uma situação corrente verificada na minha prática pedagógica e que se prende com a temática do papel do educador na brincadeira das crianças, tendo como principal preocupação analisar e perceber a eventual interação e mediação que este poderá ou deverá adotar nessa situação.

Após uma reflexão sobre o tema escolhi o problema que pretendo estudar, e compreender, que é o seguinte: “Qual o papel do educador na brincadeira das crianças em contexto de creche?”.

Este trabalho, tem como referencial teórico diferentes autores, entre eles: Catherine Garvey, Jean Piaget, Vigotsky, Erikson, Fein, Gabriela Portugal, Buhler e Lopes da Silva, e a metodologia utilizada foi baseada no paradigma qualitativo-interpretativo, utilizando como o instrumento de recolha de dados – notas de campo.

Depois de analisadas as notas de campo estas foram organizadas em quatro categorias: Brincadeira Funcional, Ficcional, Recetiva e Construtiva, tendo como referência o autor Hugs.

A partir da análise dos dados observou-se que as crianças de idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses nas suas brincadeiras utilizam diferentes tipos de comportamento e utilizam materiais/objetos em função do significado que lhe atribuem e do seu nível de desenvolvimento.

Este trabalho termina então, com algumas considerações finais relacionadas com as conclusões do estudo efetuado e, portanto, com as respostas que dou às questões levantadas no início do mesmo, referindo, ainda, constrangimentos sentidos e pistas para futuras investigações.

Abstract

Within the field of scientific practice of higher education supervised PES, we were offered an exploratory study.

The proposed work, consist in the final report on the exploratory study, which emerged of a current situation, checked into my teaching practice and is linked to the theme of the educator's role in children's play, whose main concern is analyze and understand the possible interaction and mediation that this could or should be taken in this situation.

After a reflection on the chosen theme, I choose the problem that I want to study and understand, and that is: "What is the role of the educator in the children's play, in the context of day care?"

This work has as theoretical reference, different authors, including: Catherine Garvey, Jean Piaget, Vigotsky, Erikson, Fein, Gabriela Portugal, Buhler and Lopes da Silva, the used methodology was based on the paradigm qualitative-interpretative, using as collection instrument, data - field notes.

After the analysis of the field notes, these were organized into four categories: Functional Play, Fictional, Receptive and Constructive, with reference to the author Hugs.

From the analysis of the showed data, it was observed that children between the ages of 18 and 36 months in play, use different types of behavior and also use materials/objects according to the meaning assigned to it, related with their level of development.

This paper ends with some final considerations, concerning the conclusions of the examination and therefore the answers I give to questions raised at the beginning of it, referring further constraints senses and clues for future investigations.

This paper then ends with some final considerations, concerning the conclusions of the study carried out, and therefore, the answers I give to questions raised per me at the beginning, also referring further constraints, senses and clues for future investigations.

I - INTRODUÇÃO

Este percurso escolar deu início na Escola de Educadores de Infância Maria Ulrich, em 2009, tendo como base realizar uma formação em educação. Ao longo destes quatro anos foram-me transmitidos determinados valores pessoais e profissionais, que fizeram de mim a pessoa que hoje sou. Considerei fundamental as aulas teóricas e práticas, que contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto aluna e futura educadora. No decorrer desta aprendizagem, exerci quatro estágios em contexto de Creche e Jardim de Infância, do qual verifiquei como é importante cruzarmos a teoria com a prática, pois ambas complementam-se na sua ação. Deste modo, esta transmissão de valores fez-me crescer e refletir como devo intervir e participar em diferentes situações do meu dia-a-dia com as crianças, com as famílias e com a comunidade escolar.

Ou seja, ao longo dos diversos estágios realizados durante esta formação em Educação, questioneei-me sobre algumas situações principalmente em valência de Creche, observada em contexto de estágio do qual gostaria de aprofundar os meus conhecimentos e adquirir mais experiência enquanto profissional.

Assim, iniciei este percurso formativo na Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada PES com aulas teóricas no âmbito da unidade curricular Investigação em Educação. Nessas aulas começámos por abordar os temas da metodologia e da recolha de dados. Entretanto, iniciou-se também o Estágio em valência de creche com duas fases, onde nos foi desde logo pedido que recolhêssemos dados através de notas de campo ainda exploratórios uma vez que não tinham tema pré-definido. Assim, durante a primeira fase de estágio foram recolhidas diversas notas de campo com diferentes situações entre si e durante a segunda fase procurei interpretá-las, analisá-las e fundamentá-las com diversos autores. Considero fundamental, que se faça esta interligação entre as notas de campo, pois ajuda-me a compreender melhor esta problemática e a decifrar alguns sinais que as crianças nos apresentam durante o seu desenvolvimento.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

No decurso ainda deste Estágio continuaram as aulas de investigação em educação onde fomos aprofundando os objetivos deste estudo exploratório e respetivo relatório final bem como todos os procedimentos e metas de trabalho necessários à sua conclusão. Ainda no decurso do estágio de creche tivemos de eleger um tema para a elaboração deste estudo. Após várias observações em contexto de sala, considerei pertinente aprofundar o meu estudo numa determinada situação que acredito ser importante tanto a nível prático como teórico. Deste modo, propus-me analisar e tentar apresentar respostas para algumas questões que estão inerentes a esta situação que elegi e que considero fundamentais. Neste sentido, defini como problemática a aprofundar e a explorar neste estudo: Qual a importância do papel do educador nas brincadeiras das crianças em contexto de creche?

Foi-nos transmitido que este estudo assentava numa Metodologia que tem por base o paradigma qualitativo e interpretativo e que o instrumento de recolha de dados eleitos deveria ser as “Notas de Campo”. Daí numa primeira fase a recolha de dados através de notas de campo exploratórios como supra explicado para numa segunda fase já com tema escolhido elaborar notas de campo já só sobre a problemática escolhida.

As principais motivações que me fizeram realizar este relatório final incidem no facto de estar em contacto com crianças com idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses e poder observar as diferentes brincadeiras que realizam entre si e as suas manifestações consoante o seu grau de desenvolvimento. Outra das razões que esteve na base da minha escolha prende-se com o facto de este ano estar a estagiar num contexto escolar em que as crianças estão inseridas num estrato social médio/baixo e ter verificado que as brincadeiras que exteriorizam apresentam diferenças em relação às brincadeiras de crianças de um estrato social mais elevado (com que trabalhei em anos anteriores). Assim, questioneei-me se o estrato social influencia as brincadeiras. Perante isto, e refletindo um pouco sobre esta questão, deparei-me com a dúvida de perceber, independentemente do estrato social, e portanto das diferentes manifestações exteriores da mesma consoante

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

o mesmo, se na sua essência, ela não será imprescindível para o desenvolvimento de qualquer criança.

Ou seja, despertou em mim mais curiosidade o facto de tentar compreender a real importância da brincadeira para a criança e bem como, consequentemente tentar perceber se o adulto/educador deve nela intervir ou apenas deixar fluir, do que apenas saber se o estrato social influencia as manifestações exteriores que a mesma pode adotar.

Deste modo, comecei então a direccionar a minha observação para as situações de brincadeira livre das crianças, com e sem intervenção do adulto/educador, tentando perceber se essa intervenção a influencia de algum e de que modo.

Por outro lado, à medida que ia efetuando estas observações e recolhendo notas de campo, sobre tais situações, ia-me questionando se a dita influência era conveniente ou necessária, e de que forma.

Perante a observação, intervenção, participação, e respetivos dados que ia recolhendo, e perante tais interrogações a que queria dar resposta escolhi então, como problemática do meu estudo exploratório a compreensão do papel do educador na brincadeira livre das crianças em contexto de creche (ou seja, com idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses).

Assim, esta problemática com a qual me deparei e sobre a qual me questionei durante a minha prática pedagógica, despoletaram-me várias questões a que desejo dar resposta que considero fundamentais para compreender a realidade educativa em causa e de forma a me aperfeiçoar enquanto profissional e que estiveram na base da formulação desta problemática e que estão melhor identificadas infra (aquando da identificação/formulação do problema e questões de investigação do tema escolhido).

Este ano presente 2012/2013 sou estagiária e colaboradora no Centro Paroquial de São Domingos de Rana (CSPSDR). O Centro é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sendo de carácter privado uma vez que pertence à Paróquia. A minha prática pedagógica realiza-se numa das extensões do CSPSDR – Creche do Zambujal, que tem como principais

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

características localizar-se num bairro social e estar inserida numa zona urbana.

A sala da Creche do Zambujal é composto por 18 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 36 meses. O Berçário é composto por 5 bebés (4 do género feminino e 1 do género masculino) e a Sala do Arco – Íris é composta por 11 crianças (5 do género feminino e 6 do género masculino).

O modelo pedagógico do Centro assenta em práticas pedagógicas dos modelos do Movimento da Escola Moderna e do High/Scope.

No âmbito do estágio foram-me atribuídas especiais responsabilidades entre as quais participar juntamente com a Coordenadora Pedagógica e a Direção do Centro na definição e escolha das metodologias adotar. No âmbito deste trabalho conjunto entendemos ser de extrema importância que a nossa prática pedagógica refletisse diferentes influências de vários modelos e que os profissionais de educação tivessem a capacidade de serem versáteis e diversificados nas suas metodologias e estratégias para que a resposta individual da criança e do grupo seja mais adequada.

Partimos de um princípio inegável, para todos aqueles que cuidam e educam, que a criança é um ser único, com um ritmo e individualidade própria, oriundo de um contexto social, económico e cultural. Cabe a nós, educadores, adequarmos as nossas formas de agir e estar para que a promoção de relações, interações e comunicação contribuam para a construção pessoal e social daqueles seres humanos que nos são confiados.

Pedagogos como Réggio Emília, Maria Montessori, Piaget e a própria pedagogia de projeto que se cruza fortemente com a Metodologia High Scope e o Movimento de Escola Moderna, são as nossas maiores influências e referências e orientam a nossa prática, pela grande valorização que dão à criança em si, pela promoção de uma autonomia, independência e criatividade que anda a par com a forte componente afetivo-emocional que é fundamental para que todo o desenvolvimento aconteça.

Assim, a criança é a protagonista de aprendizagens ativas, construtivas e significativas.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Todos estes pedagogos valorizam fortemente a “pedagogia de escuta e dos afetos” dando ênfase à valorização do outro, estar atento às diferenças, ser capaz de aceitar, conhecer e legitimar diferenças. Surge assim, como elemento fundamental a autonomia individual e do grupo de pares.

Um ambiente seguro, estável e organizado, segundo as necessidades e interesses do grupo, é o impulsionador do desenvolvimento.

Com efeito, a nossa prática pedagógica é baseada e fundamentada em projetos que nascem preferencialmente no contexto de sala e em que o interesse pelos mesmos é manifestado pelo grupo e assumido por todos, sendo exploradores e trabalhados de uma forma diversificada, dando resposta à heterogeneidade.

O papel do educador será o de dinamizar, valorizar, enriquecer e provocar ambientes de aprendizagem em que a curiosidade, o questionamento, a descoberta, a reflexão, a resolução de problemas e a avaliação com as crianças fazem parte de toda a dinâmica da sala.

O educador é o mediador, aquele que cuida, educa e caminha com a criança fornecendo-lhe “ferramentas” para que esta construa uma compreensão própria do mundo que a rodeia.

A construção interna da criança tem necessidade de tocar e de experimentar, o adulto deverá fomentar este envolvimento ativo com os materiais, as ideias e as outras pessoas. Quer sejam bebés, crianças em idade pré-escolar, com dificuldades de aprendizagem ou não, todas elas aprendem ativamente e vão adquirindo conhecimento, experimentando o mundo à sua volta, podendo escolher, explorar e manipular autonomamente e compreendendo o resultado das suas ações.

Sabemos que o mundo está em constante mudança e a amplitude e profundidade da compreensão que a criança tem dele, depende dos resultados e aprendizagens que faz, das suas interações no dia-a-dia.

Por isso, acreditamos que a educação deve passar por uma cultura de democratização em que a criança assume tarefas, responsabilizando-se e descobre valores da vida em grupo.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

A criança vai tomando consciência e assumindo conhecimentos, através de processos de vivência, onde a dimensão crítica, a livre escolha, o respeito, a negociação e o diálogo são fundamentais como ponto de partida de toda a dinâmica educativa.

Surge assim, a aprendizagem e a construção de saberes científicos e culturais.

Consideramos que na base das aprendizagens estão os afetos, por isso, privilegiamos uma escola onde cada criança se sente amada, única e valorizada.

Só com um forte sentimento de autoconhecimento e capacidade de gostar de si, se sente preparada para se disponibilizar a experiências e vivências com o outro. O desenvolvimento na infância não é apenas afetado pelos ambientes mais imediatos com os quais a criança interage (família, os pares, a escola e a comunidade), sendo igualmente influenciado pela relação escola/família é um importante fator para o desenvolvimento na infância.

Quando a escola e a família comunicam de forma eficaz, os pais têm mais probabilidades de estabelecer uma relação de confiança e um clima de cooperação com o educador e com a escola, as interações entre a escola e a família aumentam, os pais percebem a escola e os seus profissionais de forma mais positiva, entendem melhor as políticas da escola e a ação dos educadores, acompanham melhor os progressos da criança.

Com efeito, consideramos que é **benéfico para a integração e aprendizagem das crianças, que os seus familiares se envolvam, participem, cooperem, de forma a que todos estes intervenientes partilhem esta tarefa tão gratificante que é educar!**

A Escola deverá ser sempre um lugar onde é possível partilhar vidas, estabelecer relações significativas, tendo por base uma elevada cooperação.

Assim, o problema sobre o qual me irei debruçar, refletir e tentar dar respostas a partir da observação e investigação efetuada é o seguinte: **Qual o papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche?**

Esta, é pois a pergunta de partida para o presente trabalho de investigação.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Assim, as questões (de investigação) que me levaram a definir o problema *supra* identificado foram e são as seguintes:

- a) Qual a importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança?
- b) Deve o Educador intervir ou não na brincadeira das crianças?
- c) O Educador deve ser ou não mediador da brincadeira e com que intencionalidade?

Neste estudo exploratório, realizei uma definição operacional dos termos, entre eles:

Brincadeira

“Brincar é uma função essencial da vida da criança. Não é necessário ensinar a criança a brincar, mas podem já ser satisfeitas as suas necessidades de atividade propondo à criança brinquedos adaptados às suas possibilidades de manipulação e às suas necessidades de exploração visual e táctil.” (Lézine, 1982, p.113)

Jogo simbólico

Segundo Craidy e Kaercher: “jogos simbólicos ocorrem a partir da representação simbólica, impulsionada pela imitação” (Craidy e Kaercher, 2001, p.92). Para Wadsworth (1997, citado em Crescenti, 2010, p.10) “ (...) a criança constrói símbolos sem constrangimentos, invenções que representam qualquer coisa que desejar.”

Mediador*1/Mediação*2:

*1-

*“Pessoa que serve de intermediário, promovendo acordo entre as partes em conflito e estabelecendo o diálogo; árbitro;” / *2- acto ou efeito de mediar; intervenção, intersecção; interferência de uma pessoa ou entidade entre pessoas ou grupos, com o objetivo de alcançar um consenso; arbitragem; (in www.infopédia.pt/língua portuguesa - enciclopédia e dicionários Porto Editora),*

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

sendo aqui utilizado com o sentido de pessoa que intervém e medeia a atividade em causa.

Participação*1/ Participar *2:

*1-

“Ato ou efeito de participar; envolvimento em determinada atividade; aviso, comunicação; parte;” www.infopédia.pt/língua portuguesa - enciclopédia e dicionários Porto Editora)

*2-

“fazer saber, informar, anunciar, comunicar; tomar parte em, intervir em; compartilhar de; fazer parte integrante de; ter qualidades comuns a, ser parte de; associar-se pelo pensamento ou sentimento a; fazer queixa de, denunciar; (in www.infopédia.pt/língua portuguesa - enciclopédia e dicionários Porto Editora)

Sendo neste trabalho utilizado com o sentido de apenas tomar parte em ou compartilhar a atividade.

Intencionalidade*1/Intenção*2:

*1- “Carácter do que é de ordem representativa ou mental; qualidade intencional” (in www.infopédia.pt/língua portuguesa - enciclopédia e dicionários Porto Editora),

*2- “Intento propósito, desígnio; desejo;” (in www.infopédia.pt/língua portuguesa - enciclopédia e dicionários Porto Editora).

Os objetivos deste estudo exploratório são:

- 1) Perceber a importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança;**
- 2) Perceber se o Educador deve intervir ou não ou não na brincadeira livre das crianças;**
- 3) Compreender se o educador deve ser mero observador ou participante na brincadeira**

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

O presente relatório final foca-se, como referi, num estudo exploratório em educação, no âmbito da prática pedagógica, onde me deparei com algumas questões às quais tentarei dar resposta através do mesmo.

Nessa medida, começo este relatório final com uma introdução onde caracterizo o percurso formativo, identifico as motivações para este estudo, ou seja, justifico a minha escolha. Ainda na introdução contextualizo o campo de estágio fazendo uma caracterização do grupo em causa, da instituição, bem como das metodologias praticadas e que observei, mas também como referi ajudei a definir depois de identificado o problema. Por último, ainda na introdução identifico o problema e as questões da investigação em causa e que estiveram na base da escolha da dita problemática, ou seja, o problema que pretendo estudar, analisar e compreender.

Este trabalho divide-se então por mais três capítulos onde abordo, respetivamente, os seguintes aspetos:

a) no primeiro dedico-me à apresentação do quadro teórico em que se apoia o estudo,

b) no segundo refiro e explico a metodologia de pesquisa nomeadamente identificando o paradigma a esta associado bem como o instrumento de recolha de dados escolhido, explicando ainda o modo como estes são recolhidos e tratados, ou seja, identifico e caracterizo a metodologia(qualitativa e interpretativa – notas de campo) utilizada para este estudo;

c) e no terceiro apresento e efetuo a análise interpretativa dos dados em função da problemática escolhida e das questões que coloquei. Ou seja, realizo uma análise dos dados recolhidos através das notas de campo, categorizando-os por significados, adaptando a informação selecionada e cruzando com a fundamentação teórica, e onde os interpreto com base nessa análise e cruzamento de informação.

De seguida, apresento as considerações finais onde se insere a conclusão do estudo, ou seja, onde respondo ao problema e às questões levantadas e onde me refiro aos constrangimentos sentidos e às pistas que este estudo me deu.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Este trabalho termina, então, com as referências bibliográficas e os respetivos anexos- notas de campo recolhidas.

II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO - Apresentação do quadro teórico

1. Importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança

1.1. Definição de brincadeira

Historicamente, a brincadeira sempre esteve presente na educação infantil, único nível de ensino que a escola deu passaporte livre, aberta à iniciativa, criatividade, inovação por parte dos seus protagonistas.” (Lucariello, 1955 *citado por* Queiroz, Maciel & Branco, 2006, p. 169).

Para Garvey (1979), brincar não consiste apenas num ato espontâneo, transporta consigo o contexto em que a criança se insere, a sua personalidade e, por conseguinte a sua história de vida.

Brincar não significa somente entretenimento, mas é também uma forma de as crianças aprenderem e de apreenderem o mundo que as rodeia, a brincadeira é consagrada como atividade essencial ao desenvolvimento infantil.

Segundo vários autores, o brincar não tem uma definição concreta, devido às dificuldades dos mesmos em definir esta ação. Deste modo, para compreendermos melhor este conceito, procurámos diversas perspetivas e segundo Froebel (s.d.), o brincar permite estabelecer relações entre os objetos e a natureza, é pois, uma “... atividade livre, espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral, cognitivo...” (Kishimoto *citado por* Santos, 1997, p.27).

Para Catherine Garvey (1979, p.12-13), o conceito de brincadeira consiste em:

1. É prazerosa e divertida;
2. Possui motivações intrínsecas, pois é mais o desfrute dos meios do que um esforço no sentido de algum fim em particular;
3. É espontânea e voluntária;
4. Requer algum envolvimento ativo dos participantes;
5. Apresenta algumas relações com o que não é brincadeira;

Segundo o autor Buhler (1984, *citado por* Yankey 1984), a brincadeira pode organizar-se em quatro fatores:

Brincadeira Funcional

O autor refere que, este tipo de brincadeira é a primeira a desenvolver-se, envolvendo comportamentos repetitivos com ou sem objetos. Assim, as crianças numa primeira fase brincam por sua iniciativa e conseguem fazê-lo naturalmente porque, lhes dá prazer e ao mesmo tempo experimentam as suas capacidades. Este tipo de jogos, não tem nenhuma regra específica a não ser a repetição dessa mesma ação. E, por isso, é fundamental não se confundir a exploração com o brincar, apesar de serem consideradas essenciais.

A exploração consiste, em proporcionar à criança situações em que ela observe, mexa, questione e o adulto deve proporcionar esta diversidade de oportunidades para a criança evoluir. No entanto, o autor Hughes refere que, a exploração consiste num teste de um objeto para entender a sua funcionalidade que lhe permite reduzir qualquer tipo de dúvida em relação ao mesmo. Para este autor, a brincadeira é inata porque já é algo que lhe é familiar e que sabe fazer e como fazer.

A brincadeira funcional tem como base uma motivação intrínseca. Isto é, a criança brinca e explora por seu belo prazer. Esta aprendizagem que a criança realiza, consiste numa exploração que a mesma faz do objeto com o objetivo de obter mais informação, de modo a reduzir qualquer tipo de dúvida em relação ao mesmo. Ou seja, o autor considera a brincadeira como um promotor de comportamentos afetivos tendo como objetivo compreender a funcionalidade e a fantasia que o objeto ou a situação transporta.

Este autor esta exploração da brincadeira divide-se em três factos:

i. Estruturação do comportamento: o comportamento exploratório consiste em sequências estereotipadas do que propriamente a brincadeira em si. As crianças recolhem a informação através da exploração e manuseamento dos objetos; ii. Dispersão da atenção: a brincadeira envolve muito menos atenção por parte da criança do que a exploração que lhes exige um envolvimento maior; iii. Estado afetivo: a brincadeira das crianças está relacionada com aspetos emocionais positivos transmitidos pela mesma. Esta exploração é

conduzida pelos estados emocionais, quanto que o brincar envolve sentimentos positivos e negativos.

Brincadeira Ficcional

Este tipo de brincadeiras aparece durante os dois anos e faz-se um cruzamento entre a fantasia e o jogo simbólico. Nesta fase, as crianças atribuem diversos papéis a eles próprios, aos objetos e aos seus pares. Como será que a criança atinge este tipo de brincadeiras? A criança inicialmente repete determinados ações que vivenciou. Como por exemplo, finge pôr a mesa, finge estar a comer e a beber e até cozinhar e por sua vez atribui outras funções aos objetos.

Como por exemplo, coloca a boneca a comer à mesa e repete expressões que ouve “cuidado, está quente”; “ vamos mudar a fralda”. Por outro lado, utiliza outros objetos e aplica-lhes funcionalidades completamente diferentes, tais como: utiliza uma garrafa de plástico e faz dela um microfone, depois deixa de ser um microfone e passa a ser um secador de cabelo, deixa de ser um secador de cabelo e passa a ser um regador.

As crianças quando brincam, representam conhecimentos acerca do seu mundo social e material, dos conceitos infantis sobre as regras e obrigações sociais. Revelam também a sua compreensão do mundo físico e o conhecimento que possuem da estrutura da linguagem, que de outro modo não conseguem verbalizar.

A criança dos 12 aos 36 meses, apropria esquemas de ação a um objeto, utiliza o copo para beber, consegue realizar uma combinação de objetos associando-os, ao pôr a mesa coloca a toalha, os pratos, os talheres e os copos. Ainda no decorrer do seu desenvolvimento, a criança tem a capacidade de executar sequências com esquemas de ação para formar um todo maior e aplica a si própria esquemas de ação. Numa fase mais avançada do seu desenvolvimento, atribui determinados papéis aos objetos para os utilizar em ações e sequências de ação.

“A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir

independentemente daquilo que vê”. Vygotsky (1998, p.127), Ao brincar, a criança consegue separar o significado do objeto, e a ação surge das ideias, não das coisas. Por exemplo: um cabo de madeira pode transformar-se num cavalo.

Brincadeira Recetiva

A brincadeira recetiva corresponde à capacidade de ouvir uma história ou observar uma determinada imagem e compreender o seu significado e nomeando o seu nome. Esta brincadeira recetiva poderá surgir em primeiro plano de uma forma espontânea, mas o educador poderá criar estratégias, para enriquecer, mediar e adaptando com os seus objetivos e intencionalidade pedagógica. Ou seja, ao longo das experiências que a criança vai vivenciando, vai começando adquirir ferramentas para compreender melhor a realidade em que esta inserida, atribuindo significados a determinadas ações provocadas pelo adulto. Através destas aprendizagens, a criança toma conhecimento de determinados valores sociais, integrando-a a si e aos outros na sociedade.

“Materiais que oferecem diferentes possibilidades de “fazer de conta”, permitindo à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos”. Silva (2005, p. 60)

De acordo com a mesma autora, “é importante criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime constitua um modelo para a interação e aprendizagem das crianças.” Silva (2005, p. 60)

Por isso, a valorização da comunicação oral é fundamental como suporte para a aquisição de múltiplas aprendizagens. E a brincadeira recetiva contribui de modo substancial para a compreensão da língua materna.

“Esta aprendizagem (da língua materna) baseia-se na exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações. As rimas, as lengalengas, as travalínguas e as adivinhas são aspetos da tradição cultural portuguesa que podem ser

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

trabalhados, (...) e favorecem a compreensão do funcionamento da língua.” (Silva, 1997, p.67)

Brincadeira Construtiva

Este tipo de brincadeira surge após os dois anos e corresponde à exploração de objetos com o intuito de criar algo. Por exemplo, brincam livremente com os legos e realizam determinadas construções, brincam com a terra, com pedras ou com outros objetos naturais.

Numa primeira fase, a criança sente a necessidade de explorar os diferentes objetos e materiais para que possa compreender a sua funcionalidade e deste modo iniciam pequenas construções. É fundamental que a criança perceba o objetivo de um determinado objeto, para que realize aprendizagens acertadas, e assim consiga atingir determinadas competências. Neste sentido, é importante que o adulto tenha a capacidade de disponibilizar uma diversidade de materiais da sala e outros objetos naturais, enriquecendo a criatividade da criança, para que esta não se limite sempre aos mesmos objetos.

“ A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências (...)” Lopes (1997, p. 79)

Segundo Piaget (1994), durante o desenvolvimento da criança, esta vivencia situações do qual não tem condições para assimilar uma realidade por não ter ainda nesse momento estrutura mentais suficientemente desenvolvidas, ou seja, ela aplica os esquemas que dispõe reconstruindo deste modo o universo mais próximo com que ela interage.

Assim, de acordo com o mesmo autor, os jogos tornam-se mais significativos à medida em que a criança vai evoluindo, pois é a partir da manipulação de materiais diferentes que ela passa a reconstruir objetos, a

reinventar as coisas, o que exige uma adaptação mais completa. Na concepção Piagetiana essa adaptação consiste numa síntese progressiva da assimilação com a acomodação, e por isso, os jogos das crianças são muito importantes porque, permitem que estas construam pouco a pouco a realidade exterior.

1.2.Relação entre brincadeira e o desenvolvimento da linguagem

Para Vygotsky (1972), as primeiras ações lúdicas surgem com base na necessidade da criança dominar o mundo dos adultos. Assim, as brincadeiras promovem o domínio da comunicação nas suas várias formas, facilitando deste modo o desenvolvimento da autoexpressão. Estimulam o desenvolvimento intelectual através de exercitar da concentração e também pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos, como a comparação e discriminação de objetos, pessoas, etc. e pelo estímulo da imaginação. Na brincadeira, todos os desejos das crianças são possíveis de serem realizados através do uso da imaginação, permitindo à criança criar o seu próprio mundo e estruturar e compreender o mundo exterior.

Segundo Athey (1984, citado por Yamkey 1984) o brincar ao faz-de-conta desenvolve um conjunto de competências, ou seja, esta ação terá efeitos imediatos mas também a longo prazo, permitindo assim, que a criança realize raciocínios cada vez mais complexos.

Para Vigotsky (1992), a linguagem é uma forma de representação simbólica, tal como o brincar e a assimilação de determinadas regras fonológicas que darão origem à mesma. As pequenas brincadeiras que envolvem alguns sons devem ser estimuladas pelos adultos durante o brincar, pois influenciam a maneira como a criança adquire a linguagem.

A partir de algumas brincadeiras, a criança deixa de utilizar determinados modelos de linguagem e emprega outros modelos mais adequados à sua faixa etária. Por exemplo, as rimas, as lengalengas e as canções conduzem a um aumento de vocabulário e a uma maior capacidade de expressão.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

O brincar é fundamental para uma aprendizagem mais ativa, que vai ao encontro das necessidades individuais (construção do self) e permite que a criança se integre facilmente nas normas da sociedade.

Deste modo, poder-se-á considerar que a brincadeira é uma forma de as crianças se expressarem perante os seus pares e adultos e exprimindo os seus sentimentos positivos e negativos, aprendendo assim a lidar com os mesmos, implicado assim, que os adultos saibam escutar cada criança, valorizando a sua capacidade de comunicar o que sente a si e aos outros.

1.3. Importância da brincadeira para a vida social da criança

A interação social começa de imediato na relação com o adulto- criança, principalmente durante as interações lúdicas. As crianças experimentam diariamente as suas relações sociais e as formas como interagem, por via da brincadeira. As crianças através do brincar deparam-se com uma diversidade de conflitos e através desta ação arranjam estratégias para os resolver sem terem que recorrer constantemente ao adulto. Neste sentido, surgem momentos de cooperação e partilha, bem como a aprendizagem de regras.

Assim, formam-se elementos essenciais para um comportamento social que permite que haja trocas e interações mais eficazes. Por isso, a dramatização permite que se cruzem papéis sociais diferentes e começam a associar a comportamentos adequados a cada papel.

A criança só ganha experiências através da brincadeira e da exploração dos objetos em si e essas experiências são caracterizadas pelo facto de serem tanto externas como internas. O autor quer com isto dizer que, quando a criança ganha experiência e conhecimento através da brincadeira consegue dominar conflitos da sua realidade interior. A criança não inventa nada, apenas reproduz a realidade que observa e vivencia e esse resultado verifica-se através das suas relações com os outros.

Neste sentido, o autor defende que, a brincadeira é projetiva e como tal a criança não brinca apenas para se divertir mas sim para resolver conflitos. Assim, é uma forma saudável de expressar a sua agressividade através da

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

brincadeira, é esta dimensão projetiva do jogo que permite à criança brincar com determinadas situações que lhes foram ou não difíceis.

“ Conquanto seja fácil de perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados” Winnicott (1979, p.162)

A criança tem uma interação esporádica com outras crianças e depois vão progressivamente perceber a existência do outro, criando assim uma existência própria. A criança valoriza essa mesma existência porque, acaba por precisar do outro para a brincadeira.

“É em grande parte através da brincadeira, em que as demais crianças são ajustadas a determinados papeis preconcebidos, que uma criança começa a permitir às outras que tenham uma experiência independente.” (Winnicott, 1979, p. 163)

A brincadeira serve para compreender o mundo que a rodeia e como a realidade e a fantasia ainda se cruzam. Ou seja, qualquer brincadeira aplicada pela criança é real para ela e para os que a rodeiam. Desta forma, a criança vai organizando o seu mundo interno partindo do que a mesma reproduz.

2. Papel do adulto na brincadeira

2.1 O educador enquanto mediador

As necessidades básicas da criança cruzam-se com as diversas interações que os adultos estabelecem com a mesma. O facto do adulto cuidar da criança, faz com que haja um contacto humano entre ambos, a nível emocional e social, por isso, a criança interage constantemente a nível da linguagem e corporalmente. O primeiro contacto que a criança estabelece com o adulto, é a base da autonomia e da confiança.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Segundo a autora Raíssa Santos, "a maneira como os educadores lidam e interagem no brincar das crianças é fundamental para o seu desenvolvimento durante a atividade lúdica" (2009, pag.120). Para a mesma autora os pais são os primeiros a imporem limites às crianças e estes poderão influenciar fortemente o desenvolvimento da capacidade lúdica e outros elementos fundamentais, tais como a segurança.

A mediação está ligada ao papel que o adulto assume enquanto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, no sentido de criar condições que potenciem esse desenvolvimento. O adulto medeia as atividades e as aprendizagens e motiva-as para explorar o meio envolvente. Neste sentido, ao sermos mediadores ao colocarmos questões sobre a ação da criança e darmos tempo para as crianças responderem sem nos anteciparmos. O dever do educador é de promover a aprendizagem e, não manter sempre a mesma atitude, isto é, depende da criança em si e de cada situação de brincadeira.

Neste sentido, é importante que o educador se caracterize como figura que estabelece interações positivas com os outros, estimulando a criança a realizar experiências diferentes, ajudando-as a encarar novos desafios, mas respondendo com empatia perante os sentimentos de falta de confiança ou desalento que ocorrem no processo de aprendizagem.

Estas atitudes transmitem uma visão de aceitação dos outros, encorajando-as a tornarem-se mais autoconfiantes e autónomas, parecem ser uma das melhores estratégias para promover o bem-estar do desenvolvimento. Assim, o educador deve encarar e criar condições para a criança poder evoluir cada vez mais e não deve interferir demasiado para não retirar a autonomia, pois o brincar é uma forma de as crianças tentarem resolver os seus próprios conflitos.

Para Portugal (1998), o educador deve facilitar o desenvolvimento de relações de confiança e autonomia através de gestos, palavras e comportamentos por parte do mesmo. Ao mesmo tempo, deve impor limites e regras às crianças, transmitindo autonomia e confiança nas escolhas e

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

decisões das mesmas. O educador deve conter uma capacidade de empatia, estimulando a linguagem verbal da criança

“ (...) através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento socio emocional. O educador deve ser capaz de articular o jogo e as necessidades de aprendizagem da criança apresentando alternativas às ideias correntes (...)”
Portugal (1998, p.198)

A autora refere que o papel de o educador é muito mais do que cuidar de uma criança a nível físico mas saber corresponder às necessidades de afeto e de segurança, e compreender toda a parte psicológica que a própria função transporta.

O facto de o educador respeitar a individualidade de cada criança, permite que a mesma se desenvolva através de várias interações, brincadeiras e jogos e à medida que se vai desenvolvendo, irá apurar diversas necessidades a nível afetivo, da linguagem, desenvolvimento sensoriomotor, etc. Todas estas interações positivas distinguem-se pelo respeito da individualidade de cada criança e pelas relações de afeto que se estabelece com cada um.

“ O educador tem também um papel importante ao nível da estimulação da curiosidade da criança, de novas capacidades e impulsos de autonomia e independência”. Mena (1989, p.205)

O ambiente em que a criança está inserida promove diversas interações com os outros através do jogo. Todos os brinquedos e objetos (adequado à faixa etária) são facilitadores de uma aprendizagem ativa estimulando a curiosidade e promove ao mesmo tempo interações interpessoais.

Todas as ações lúdicas transportam vivências e experiências exploratórias, linguísticas, sensoriais e motoras e as relações que as crianças vão estabelecendo entre si permiti-lhes construir modelos. Esses modelos inserem-se através da imitação do outro, dando assim a oportunidade de a criança experimentar outro tipo de vivências e de situações

2.2. O educador enquanto criador de ambientes estimulantes da brincadeira

“ Os principais aspetos relativos à qualidade de um contexto focalizam-se (1) na qualidade das relações entre adultos e crianças, salientando-se aqui a importância de ligações afetivas fortes entre crianças e adultos e a importância estabelecimento de relações consistentes, responsivas, recíprocas e agradáveis; (2) na qualidade dos espaços, equipamentos e recursos dos contextos para bebés, salientando-se aqui a necessidade de espaços atraentes, confortáveis, envolventes, serenos e simultaneamente estimulantes, facilitadores da aprendizagem, desenvolvimento, crescimento e jogo; (3) na qualidade das experiências da aprendizagem das crianças. As experiências de aprendizagem dizem respeito a tudo aquilo que a criança faz, vê, ouve, saboreia, cheira, toca e sente.”
Caldwell, (1989, p. 197)

O espaço onde a criança está inserida, deve ser um ambiente acolhedor, afável, estimulante, tendo como objetivo corresponder às necessidades e ao desenvolvimento das crianças, para que possam adquirir aprendizagens mais ativas e eficazes. O adulto através da experiência de vida e conhecimentos teóricos, estimula a curiosidade da criança e transmite-lhe determinados valores e princípios, que ele próprio acredita.

Proporcionar um ambiente lúdico permite desenvolver a criatividade e a fantasia da criança, estimulando-a que traga para o seu quotidiano as aprendizagens dinâmicas que lhe foram transmitidas num determinado contexto.

É importante que o educador tenha a capacidade de reconhecer que só é possível tornar uma ambiente lúdico numa sala, quando as aprendizagens que as crianças experienciam lhes são significativas.

No entanto, Taylor (1998) defende que, um ambiente que seja bem organizado e orientado pelo adulto, dá origem a aprendizagens significativas, que promovem interações sociais entre as crianças. Este ambiente educativo deve ser um espaço aberto e apelativo, proporcionando assim relações mais

positivas e os brinquedos e os objetos que estão ao alcance da criança influenciam a forma como este interage com os seus pares

Outro aspeto fundamental, tem a ver com o modo como o espaço está estruturado e apropriado à criança que nele está inserido. A partir dos dois anos, as crianças demonstram interesse em explorar e interagir com determinados objetos/brinquedos que lhe exigem mais envolvimento, atenção e trabalho. O ambiente não se deve focar apenas a fatores físicos mas também, a nível da segurança, saúde, desenvolvimento e aprendizagem. Os brinquedos e os materiais devem ser modificados regularmente para que as crianças possam experimentar e brincar com uma diversidade de objetos, e para que possam diversificar igualmente as suas brincadeiras, contribuindo assim para o seu desenvolvimento global.

Ainda referente ao ambiente educativo este é, aberto, organizado e promove o movimento e envolvimento das atividades. As áreas de jogo têm uma diversidade de materiais de diferentes níveis com determinados objetivos e as atividades diárias incluem tempos de jogo, exploração, cuidados de rotina e atividades em grande e pequeno grupo.

Os brinquedos e os objetos são fundamentais para este aspeto: promovem aprendizagens, despertando a curiosidade e promove as diferentes interações interpessoais.

3. Importância do Brinquedo nas Brincadeiras das Crianças em Contexto Creche

3.1. Relação entre o brinquedo e a brincadeira

O conceito “brinquedo” é utilizado para identificar objetos, selecionados pelos próprios adultos para captar o interesse da criança. Para Garvey (1990), o brinquedo, é algo que desperta a atenção da criança e promove a descoberta da funcionalidade do mesmo.

Deste modo, os objetos acabam por ser um elo de ligação entre a criança e o seu meio, criando oportunidades de as mesmas representarem e

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

expressarem os seus sentimentos. Assim, estabelece-se uma interação social com os adultos ou com os seus outros pares. Por sua vez, a autora reforça que um objeto que não seja familiar para a criança dá origem a diversas explorações e contactos com o objetivo de compreender a sua funcionalidade. Por via dessas mesmas explorações, a criança começa a tomar conhecimento do objecto através da sua textura, forma e tamanho.

“ (...) brincar com os objetos requer a aquisição da preensão visualmente dirigida e coordenação correta dos movimentos dos olhos e da mão para que a criança possa apanhar, segurar e voltar os objetos.” Garvey (1990, p. 66)

Através das relações com os objetos, a criança adquire o modo como as imagens ou as representações se organizam por via das suas experiências. Passando assim, para a representação simbólica.

Deste modo, a criança começará por verbalizar determinados acontecimentos através de pequenas palavras e desenvolve estratégias para “guardar” as suas experiências. Esta representação simbólica, oferece à criança a oportunidade de representar um objeto com diferentes funcionalidades, na sua utilização.

Assim, estas aptidões adquirem-se através da experiência e do contacto com os objetos e com os outros que a envolvem. Por isso, a criança aprende a brincar naturalmente. Esta representação simbólica é fundamental para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento abstrato.

Ou seja, após a criança adquirir este tipo de aprendizagem, os objetos menos realistas facilitam este tipo de atividade lúdica. Deste modo, proporciona à criança desenvolver a sua imaginação.

Com isto, ao longo do seu crescimento e da sua maturidade, as crianças utilizam objetos e atribuem-lhes outro tipo de funções mais adequadas.

“A atividade lúdica torna-se cada vez mais realista porque, implica maior quantidade de detalhes, utiliza os objetos de modo menos idiossincrático e, muitas vezes apresenta maior fidelidade em relação aos factos da vida real”(Fein, 1990, p. 73)

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

O autor quer com isto dizer, que à medida que a criança cresce, a mesma começa por atribuir determinadas funções aos objetos porque, já consegue fazer um reconhecimento da utilização real daquele material.

O autor acima citado considera que, normalmente, perante um novo brinquedo a criança começa logo a explorá-lo, manipulando-o para descobrir as suas características e só depois é que lhe dá uma utilização imaginativa.

Garvey (1990) defende que, de acordo com o grau de predominância da ação espontânea este se processa como um fluxo contínuo. Deste modo a adaptação a um objeto processa-se através da exploração da manipulação, e da prática da ação.

Deste modo, a atividade lúdica decorre através da experimentação e de uma aprendizagem ativa, compreendendo o é objeto e da forma como devia ser utilizado.

Assim, o adulto proporciona à criança novos conhecimentos e assimilação dos mesmos. Ao mesmo tempo, este consolidar de competências, promove a criatividade e mantém assim o desenvolvimento intelectual. Por isso, na primeira infância, a criança consegue aumentar a sua capacidade de observar determinados objectos tendo em atenção que a criança gosta de explorar objectos apelativos. Esta antecipação, é a base da formação da permanência do objecto, sendo exercitado em diversas brincadeiras, quer da criança consigo própria quer com os seus pares.

3.2.Função dos Objetos

Segundo Garvey (1990), durante o segundo ano de vida, atividades como mostrar, partilhar, dar, recuperar e apoderar-se constituem as bases mais frequentes das interações voluntárias com os adultos e com os seus pares.

Assim, os objetos acabam por ter várias vertentes, entre elas a atenção e o interesse que o brinquedo possa ter. Só o facto de uma criança estar a brincar com um determinado objeto temporariamente, este torna-se ainda mais interessante para outras crianças.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

No entanto, “ (...) para as crianças de dois anos um brinquedo no chão não tem comparação com um brinquedo na mão de um companheiro (...)” Eckenen (1990, p.82). O conflito que surge por causa de um brinquedo, não significa que seja necessariamente um comportamento agressivo.

“ (...) isto é, essa ação pode não conter realmente a intenção de ofender. Muitas vezes a criança tenta apoderar-se de um brinquedo de outra é, nitidamente, apanhada de surpresa e fica admirada quando o possuidor deste grita ou começa a lutar contra ela.” Eckenn (1990, p.82)

Neste sentido, qualquer brincadeira que se realize com um determinado objeto está diretamente relacionada com o desenvolvimento social. Grande parte das nossas memórias de infância está relacionada com um brinquedo que nos foi significativo.

“As recordações mais primitivas e vivas de muitas pessoas relacionam-se com determinado objeto ou brinquedo”. Garvey (1990, p. 83)

As crianças ao brincarem com bonecos e outros objetos, normalmente relacionam-nos com os seus familiares, optando por um destes brinquedos para se representarem a si próprias. Através do brincar, a criança apresenta “episódios” de experiências vivenciadas e significativas para si.

Deste modo, a representação simbólica permite à criança reviver experiências e ao mesmo tempo, fornece-lhe ferramentas para saber lidar positivamente com determinadas situações.

“A razão principal da ludoterapia reside na libertação proporcionada pela expressão metafórica de experiências íntimas, através de brincadeiras livres.” Erikson (1989, p.86) O autor quer com isto dizer que, a criança ao brincar com determinados brinquedos, ajuda-a a compreender como este objeto é utilizado em relação à agressão, à discriminação, à preferência por um dos pais e os comportamentos em relação aos irmãos.

É fundamental que, o adulto reflita acerca das suas atitudes, sentimentos e experiências que uma criança possa ter em relação a determinados materiais lúdicos.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Esta componente é caracterizada por dois fatores: segundo o autor supracitado em primeiro lugar há crianças que têm a capacidade de distinguir uma brincadeira da realidade. Por outro lado, algumas brincadeiras realizadas pelas crianças são representadas tendo um modelo como referência.

“ (...) algumas formas de comportamento sejam fielmente copiados de um modelo, outras evocam apenas grosseiramente acontecimentos do universo não lúdico.”
Erikson (1989, p.86)

III. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este Relatório Final inscreve-se na Área Científica PES. Foi realizado no decorrer da Prática Pedagógica - PES e insere-se no paradigma qualitativo - interpretativo, sendo que o objeto de estudo emerge de situações pedagógicas concretas, envolvendo pessoas e várias situações, observadas durante o estágio.

3.1. Paradigma Qualitativo / Interpretativo

Este paradigma qualitativo é “ (...) uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais.” Bogdan & Bliklen (2006, p.11)

Ainda, acerca da investigação qualitativa, “uma das características da investigação interpretativa é a sua natureza interativa concebida não como um processo linearmente sequencial mas recorrente, isto é, presente ao longo de toda a investigação.” Esteves (1998, p. 113)

“ (...) A investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade.” Afonso (2005, p. 14)

Referente ao paradigma interpretativo, segundo o autor supracitado, este é caracterizado pelo facto de tentar perceber e entender a realidade social através de experiências subjetivas. Por sua vez, este paradigma procura explorar o mundo social através de uma consciência individual e da subjetividade de um determinado contexto. Ou seja, esta realidade é criada através de um processo de significados partilhados.

Neste tipo de investigação, toda a informação que é recolhida está diretamente relacionada ao contexto onde está a decorrer a ação. O investigador estabelece uma ligação com os locais de estudo, interessando-se pelo seu meio envolvente. Assim, o investigador interpreta a ação e regista através dos dados que o mesmo recolheu. “ (...) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” Bogdan (2006, p.47),

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Durante este processo, o investigador concentra-se em compreender o cariz da sua observação, focando mais a sua atenção no decorrer da investigação do que propriamente no produto final da mesma. Com este paradigma qualitativo e interpretativo o investigador através dos dados recolhidos foca-se em determinadas preocupações e esses mesmos dados são analisados e refletidos e depois categorizados.

No decorrer da pesquisa, o investigador coloca determinadas questões com o objetivo de entender o que experimentam e o porquê, como interpretam o seu mundo e como se integram no mesmo. Todas as informações que lhe são transmitidas e que o próprio observa são bastante importantes, para que consiga compreender aquele fenómeno concreto.

3.2. Caracterização dos sujeitos

A sala do Arco-Íris da Creche do Zambujal -CSPSDR é composta por 12 crianças com idades compreendidas entre os 18 e os 24 meses. Este grupo é composto por cinco crianças do género feminino e seis do género masculino. Revelam especial interesse por histórias, brincadeiras faz-de-conta, jogos de encaixe e de mesa, lengalengas e gostam bastante de participar no quadro das presenças marcando cada um com a sua fotografia. Realizam diversas brincadeiras a pares e paralelas nas diferentes áreas da sala. São crianças bastante participativas e ativas, mantêm uma relação de afetos uns com os outros e também com os adultos da sala.

A sala está dividida por diversas áreas, entre elas: da cozinha, garagem, casinha das bonecas, cantinho da leitura e área dos jogos. Na área da casinha existe uma diversidade de objetos onde as crianças exploram principalmente brincadeiras de faz-de-conta e atribuem determinados papéis aos diferentes objetos. No cantinho da leitura as crianças interessam-se especialmente pelo manuseamento dos livros e observação das imagens que visualizam, por vezes emitindo sons. Na área dos jogos, as crianças exploram uma diversidade de jogos de encaixe e de mesa e as suas diferentes texturas. Na área da

garagem, as crianças exploram carros de tamanhos diferentes, colocam-nos por vezes em cima das mesas e do chão como se fossem pistas e emitem diferentes sons consoante o objeto. Na área da casinha é igualmente situações de faz-de-conta e as crianças também atribuem determinados papéis não só aos objetos como a eles próprios.

3.3. Instrumento de recolha de dados (Notas de campo)

No presente trabalho, o instrumento selecionado para a recolha de dados incide na observação direta, nomeadamente através das notas de campo.

Assim, o educador para poder intervir no real de modo fundamentado, terá de saber observar e problematizar interrogando a realidade e construindo hipóteses ao mesmo tempo. A observação tem um papel fundamental e constitui-se como a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada.

Segundo Estrela (1986), a observação feita pelo Educador em formação pode ajudá-lo a: (i) reconhecer e identificar fenómenos; (ii) apreender relações sequenciais e causais; (iii) ser sensível à reação das crianças; (iv) colocar problemas e verificar soluções; (v) recolher objetivamente a informação, organizá-la e interpretá-la; (vi) situar-se criticamente face aos modelos existentes e (vii) realizar a síntese entre a teoria e a prática.

De acordo com o autor supracitado, a observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto e ajuda a perceber os contextos, as pessoas que nele se movimentam e as suas interações.

Sendo que, as notas de campo são instrumentos metodológicos importantes, para registar os dados de observação. Este instrumento é um relato escrito daquilo que o educador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha. Nos estudos de observação participante, todos os dados são considerados “notas de campo”. Incluem ainda, registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas envolvidas, as suas ações e interações efetuadas sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes neste contexto. “As notas de campo são o relato escrito daquilo que o investigador

ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de estudo qualitativo.” Bogdan & Biklen (1994, p. 150)

Durante a minha prática pedagógica, as ferramentas principais foram as notas de campo recolhidas em contexto de estágio. Através das mesmas, tentei observar pormenorizadamente as ações, para poder compreender melhor a realidade das crianças. Assim, surge uma interpretação subjetiva em relação às notas de campo, a partir de uma observação ativa e participada e das inferências colocadas por mim.

Por isso, é fundamental que o educador seja o mais concreto e “exigente” possível consigo próprio, para que tenha a capacidade de observar e interpretar os significados que as crianças transmitem.

As Notas de Campo são, pois, descrições que, embora objetivas na medida em que são rigorosas e fiéis ao observado, são também subjetivas pois advém de um trabalho de campo e de uma observação participada (que sobre as influências da ação do investigador) bem como das interpretações que o investigador faz ou vai fazendo dessa realidade (inferências).

Contudo e porque não se desligam do contexto e do investigador são extremamente ricas e esclarecedoras do fenómeno observado e objeto de análise, preservando, nessa medida, toda a sua autenticidade, constituindo, assim, instrumentos metodológicos de recolha de dados observados num determinado contexto que preservam o que se ouviu, o que se viu, o que se experienciou e o que se pensou (refletiu) no decurso da recolha.

3.4. Descrição dos procedimentos

Neste ponto apresenta-se a descrição dos procedimentos realizados durante a elaboração deste relatório, segundo uma sequência de situações.

Assim, este estudo assenta na área científica da PES, e é composto por diversas fases diferentes entre elas, as aulas teóricas/ práticas lecionadas por alguns elementos da equipa de mestrado, onde foram abordados os objetivos da PES e alguns conceitos fundamentais para a concretização do presente relatório. Ainda no decorrer deste processo, foram elaboradas as notas de

campo exploratórias na primeira fase de estágio. Esta recolha de dados consistiu numa parte descritiva, onde se registou o mais fiel possível a ação observada e as inferências realizadas sobre a situação observada. Para finalizar as notas de campo, apresentam-se as justificações e opiniões, e faz-se um cruzamento de dados entre a realidade e a fundamentação teórica com base em autores de referência.

Durante a segunda fase de estágio, foram recolhidas diversas notas de campo focalizadas para o tema deste estudo exploratório. Para a realização das mesmas, foram utilizados determinados códigos, de modo a garantir o anonimato de cada criança.

No decurso da elaboração do presente relatório, defini o problema, consoante as notas de campo recolhidas, apresentei as motivações para o estudo e os princípios orientadores da minha prática pedagógica, caracterizei a instituição da qual sou colaboradora e funcionária, abordei os temas para a fundamentação teórica ajustados ao problema e, por fim, debrucei-me sobre diversas questões do qual pretendo dar resposta. De seguida, apresentei determinados conceitos importantes para compreender melhor esta problemática. Após ter formulado a minha pergunta de partida, designei as palavras – chave e explicitiei os objetivos na concretização desta pesquisa.

Após este processo, identifiquei a metodologia presente neste estudo exploratório, defini o paradigma que sustenta o mesmo, realizando uma pesquisa nos autores de referência Afonso Natércio, Esteves, Bogdan e Biklen.

Apresentei como instrumento de recolha de dados as notas de campo, e posteriormente a análise dos mesmos.

Deste modo, realizei a leitura dos dados (análise e interpretação) da seguinte forma: refleti sobre todas as notas de campo recolhidas durante este processo, elegi as notas de campo mais importantes tendo em conta a problemática deste relatório, escolhi indicadores através das reflexões das notas de campo, das inferências e dos comentários realizados semanalmente e, de seguida classifiquei as notas de campo em categorias e subcategorias. No final, elaborei as considerações finais do qual registei algumas das respostas às minhas questões, no decorrer deste estudo exploratório.

IV. Análise e Interpretação dos Dados

Este estudo exploratório assenta nas observações diretas (notas de campo), realizadas em situações de brincadeira, com crianças com idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses, numa sala de creche, nomeadamente no meu local de Estágio/Trabalho (Creche do Zambujal - CSPSDR).

“A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transições (...), de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhes permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido. Bogdan & Blikien (1994, p. 205),

Após a recolha e feita a seleção das notas de campo, fiz a análise das mesmas, organizando-as por categorias, para depois as interpretar entrecruzando-as com o respetivo enquadramento teórico.

Desta forma tentarei justificar e fundamentar de que forma os dados recolhidos respondem à problemática que elegi, no decorrer deste processo. Depois de analisar as notas de campo que recolhi, concluo que as mesmas se podem e devem organizar em quatro categorias. Para dar maior consistência à seleção dos dados considereei importante que essas categorias se definissem segundo o autor Buhler (1984, citado por Yankey 1984), em que a brincadeira pode organizar-se em quatro fatores: Funcional; Ficcional; Recetiva; Construtiva.

Assim, tendo em conta as diferentes situações de brincadeira que observei em contexto de Creche, organizei as notas de campo em quatro categorias fundamentais, a saber:

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

- Categoria A: **Brincadeira Funcional;**
- Categoria B: **Brincadeira Ficcional;**
- Categoria C: **Brincadeira Recetiva;**
- Categoria D: **Brincadeira Construtiva;**

Assim, e fazendo agora o cruzamento dos dados recolhidos, já organizados por categorias com o respetivo enquadramento teórico de forma a tentar dar resposta à problemática em causa, cumpre refletir, expor, enquadrar, analisar e referir o seguinte:

Quanto à Categoria A – Brincadeira Funcional:

Para Buhler (1984, citado por Yankey 1984), este tipo de brincadeira é a primeira a desenvolver-se, envolvendo comportamentos repetitivos com ou sem objetos. As crianças brincam naturalmente porque, lhes dá prazer e ao mesmo tempo experimentam as suas capacidades.

O S. tem a iniciativa de ir buscar um jogo de encaixe (5 peças cilíndricas de 5 tamanhos e cores diferentes). No chão espalha as cinco peças e tenta encaixa-las umas dentro das outras.

Encaixa duas, tenta encaixar a terceira, mas não cabe. Desencaixa-as e tenta de novo. Consegue encaixar três, primeiro a amarela, depois a azul e por fim a rosa. Tenta encaixar a roxa, mas esta não cabe. Grita “AH!” e atira com as peças ao chão, soltam-se, e bate duas vezes nelas com as mãos.

Insiste no jogo por três vezes, à quarta tentativa desiste do jogo e abandona-o.

(Nota de campo nº 3, 8/03/13)

O S. é uma criança com 18 meses, frequenta a creche desde Janeiro e por isso, sente a necessidade de explorar todos os objetos que estão ao seu alcance e o meio envolvente.

Através desta nota de campo, é possível inferir o grau de desenvolvimento em que a criança se encontra, visto fazer uma exploração exaustiva do jogo de encaixe. O S. mostra interesse no objeto que está a manipular, mas acaba por desistir porque perde o interesse. A criança ao

brincar e explorar os objetos descobre as características dos mesmos e em simultâneo testa as suas capacidades.

Segundo Piaget, (1982), as idades compreendidas entre os 0 e 2 anos, estão no período sensório motor. Esta fase compreende as ações de repetição, reconhecimento sensório motor, generalização sensória motora e o raciocínio prático. Alguns dos brinquedos possíveis e aconselhados para a faixa etária são: brinquedos sonoros, livros, cubos, peças de encaixe, entre outros.

“Enquanto observo o bebé a brincar, a minha principal preocupação não diz apenas respeito ao seu desenvolvimento físico e neurológico, mas também à eficácia com que tenta dominar várias tarefas, continua a tentar? Espera ser bem-sucedido? Quando o consegue, conta com a aprovação dos que o rodeiam? Ou: Desiste facilmente? Tenta desviar a atenção de uma tarefa que sabe não conseguir executar? Compreende que não é capaz e olha para os pais, procurando o seu olhar de reprovação?” Piaget (1982, p. 77)

Ainda nesta categoria, gostaria de destacar outra nota de campo que ilustra a passagem do jogo funcional para o jogo ficcional. Assim, veja-se: A M. é uma criança com 23 meses, apresentou algumas dificuldades em relação à sua adaptação na creche. Como tal, a M. traz todos os dias consigo o mesmo objeto de casa (um urso de peluche), sentindo-se assim mais segura e confiante com os adultos da sala porque transporta consigo o seu objeto transitivo.

A M. está sozinha a brincar com um tacho na mão e coloca-o em cima da barriga do seu urso de peluche. O tacho de imediato cai no chão. A M. agarra-o e coloca-o novamente em cima da barriga do peluche, tentando equilibrá-lo com as suas mãos e de seguida tenta deitar-se em cima do mesmo. O tacho volta a cair no chão. Pára, olha para o tacho agarra-o e diz: “um, dois, três macaquinho do chinês”. E atira-se de novo para o chão, levando o tacho e o peluche consigo.

Digo: “Que estás a fazer M. com o peluche e o tacho?” A criança começa a sorrir para mim. Coloco-me atrás dela e peço-lhe para agarrar no tacho. A M. agarra no

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

tacho e eu digo: "um, dois, três, macaquinho do chinês!" e atiro-me para o chão agarrando a M.

Repito esta ação por três vezes. E a criança sorri e pede mais.

(Nota de campo nº 15, 8/05/2013)

A M. é uma criança que ao longo do tempo, apresenta algumas dificuldades em aceitar as regras e limites impostas pelo adulto, e por isso, considero pertinente reforçar a relação, promovendo situações de faz de conta, principalmente na área da casinha. Considero ainda que esta atitude lúdica, é uma forma de ir ao encontro das necessidades das crianças.

Normalmente, quando as crianças passam por esta fase de adaptação e trazem objetos de casa, incentiva a brincadeira com os mesmos e crio situações de partilha e de interação entre pares. Por sua vez, quando me sento com as crianças a brincar, verbalizo diversas lengalengas e brinco com as mesmas. Ou seja, o adulto acaba por ser um espelho da criança porque, qualquer atitude ou gesto irá influenciar os comportamentos e reações das mesmas. Assim, ao intervir na brincadeira da M. proporcionei uma interação ativa entre o adulto e a criança, e ao mesmo tempo, criei um momento divertido e de prazer.

Para Mena & Eyer (1989, citado por Portugal, 1998, p.205), " (...) as crianças desenvolvem-se através das diferentes interações, atividades, cuidados e jogo." De acordo com esta última autora (1998), o educador deve facilitar o desenvolvimento de relações de confiança e autonomia através de gestos, palavras e comportamentos por parte do mesmo. Ao mesmo tempo, deve estabelecer limites e regras às crianças, transmitindo autonomia e confiança nas escolhas e decisões das mesmas.

De acordo com Santos (2009), a maneira como os educadores lidam e interagem no brincar das crianças é fundamental para o seu desenvolvimento durante a atividade lúdica. Assim, "o papel da educadora em ajudar as crianças a brincar é (...) melhorar e ampliar a brincadeira, deixando-se ficar ali perto e sugerindo ideias criativas", Gesell (1979, p.312)

Quanto à Categoria B – Brincadeira Ficcional

A categoria B caracteriza-se por brincadeiras que aparecem por volta dos vinte e quatro meses e fazendo um cruzamento entre a fantasia e o jogo simbólico. Nesta fase, as crianças atribuem diversos papéis a eles próprios, aos objetos e aos seus pares.

“ A mais primitiva forma de simbolismo lúdico que assinala a passagem e a continuidade entre o exercício sensório-motor e o simbolismo é designado por esquema simbólico ou reprodução de um sistema sensório-motor fora do seu contexto e na ausência do seu objetivo habitual.” Piaget (1978, p.48),

A nota de campo, que apresento a seguir retrata-nos que as crianças quando brincam imitam situações que vivenciam no seu dia-a-dia, através do jogo do faz-de-conta.

O R. é uma criança com 25 meses, demonstra interesse por brincadeiras em determinadas áreas, nomeadamente na área da casinha.

O R. vai buscar uma frigideira à gaveta, tapa a cara com ela e diz: - cucú! Não “tá” cá! Depois agarra numa colher e mexe dentro da frigideira e depois mete a colher na boca e diz: - papa! Senta-se no chão, larga a frigideira e agarra numa peça do jogo de encaixe e com a colher, volta a mexer. Mete a colher na boca e eu pergunto: - É sopa? O R. responde: - Sopa! Hum!

Pergunto: - É boa? o R. tenta meter-me a colher na boca, finjo que como e digo: - que bom! O R. sorri.

Agora coloca a frigideira, na cabeça e diz: - “tapéu”!

Pergunto: - Tens um chapéu na cabeça? O R. acena com a cabeça a confirmar. Põe a frigideira na minha cabeça e volta a dizer: - “tapéu”! e sorri.

Digo: - Dás-me o teu chapéu? O R. acena com a cabeça a confirmar. Depois tira-me a frigideira e volta a usá-la como prato.

(Nota de campo nº 9, 21/03/13)

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

As crianças quando brincam, representam conhecimentos acerca do seu mundo. Revelam assim, a sua compreensão do mundo físico e o conhecimento que possuem da estrutura da linguagem, que de outro modo não conseguem verbalizar.

Mais uma vez, a ação desta brincadeira descrita na nota de campo, recai na metamorfose e dupla função do objeto, quando o R. transforma a peça de encaixe num tacho ou usa a frigideira como chapéu. Mas esta criança, também está a imitar situações que observa e vivencia no seu dia-a-dia, como quando está a simular que come a sopa com a colher. Post & Hohmann, (2007) defendem que, as crianças imitam situações do quotidiano, que observam no seu dia-a-dia, como falar ao telefone, pôr a mesa, calçar sapatos, dar o biberão ao bebé, entre outras. Poderão também atribuir na brincadeira do faz-de-conta diferentes funções a um objeto. Por exemplo, fingindo que uma almofada é uma cama para bonecas ou que uma panela é um chapéu.

A próxima nota de campo, retrata-nos uma situação vivenciada na casinha das bonecas em que se observa a transição entre uma brincadeira pouco estruturada para outra em que a mediação do adulto organiza a brincadeira das crianças. A L. e a B. são duas crianças muito activas e demonstram interesse em realizarem brincadeiras a pares (neste caso entre ambas)

A L. (2 anos e 2 meses) e a B (2 anos), encontram-se a brincar na área da casinha.

A B. começa por atirar os objectos para o chão.

Aproximei-me e disse-lhes: “Quem me ajuda apanhar os nossos brinquedos do chão e a colocá-los em cima da mesa?”. Ambas não responderam mas começaram ajudar-me a apanhar os objectos do chão. A L. agarrou numa caixa de cartão que se encontra numa prateleira do armário junto à casinha e atirou com os pratos lá para dentro. Neste momento a B. começou por agarrar nos copos com as mãos e colocou-os em cima da mesa. (...) Sentei-me junto delas e digo: “agora vamos aquecer o leite a avózinha (vizinha muito velhinha que vive no prédio que nos faz uma visita todos os dias para cumprimentar os meninos antes de ir para o lar) e fazer uns bolinhos de laranja. Onde é que vamos fazer os bolinhos? No forno? (...)”

Passado pouco tempo (5 minutos aproximadamente) saí da mesa, dei-lhes uma toalha e deixei as crianças brincarem livremente. Ambas ficaram junto à mesa ao lado

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

do fogão, colocaram a toalha e sentaram-se nas cadeiras a fingir que estavam a conversar e a beber leite com as chávenas nas mãos.

(Nota de campo nº 14, 24/04/13)

Nesta nota de campo pode inferir-se que, dá prazer às crianças atirar com os objetos para o chão. A B. encontra-se numa fase de exploração dos materiais e por isso, é importante para a mesma manipulá-los e experimentá-los livremente. Penso que, é importante nesta situação deixar as crianças explorar durante um tempo este tipo de brincadeira, mas penso que também foi essencial estimular que ambas colaborassem na arrumação do brinquedos, até porque faz parte de uma das regras da sala.

É fundamental que o educador esteja atento à evolução da brincadeira da criança, e disponível para que possa intervir devidamente. Neste sentido, o educador deve dar continuidade às brincadeiras, de modo a que estas não percam o seu sentido e organização.

Como referi anteriormente, visto ser uma sala heterogénea com idades compreendidas entre os 18 e os 36 meses, é fundamental que o educador esteja atento e saiba valorizar e avaliar os diferentes papéis que as crianças atribuem a si próprios e aos seus objetos.

De acordo com Santos (2009), a maneira como os educadores lidam e interagem no brincar das crianças é fundamental para o seu desenvolvimento durante a atividade lúdica.

“O papel da educadora em ajudar as crianças a brincar é (...) melhorar e ampliar a brincadeira, deixando-se ficar ali perto e sugerindo ideias criativas” (Gesell, 1979, p.312)

Quanto à Categoria C – Brincadeira receptiva:

Esta brincadeira receptiva surge primeiro de uma forma espontânea e o educador poderá criar estratégias, para enriquecer, mediar, adaptando os seus objetivos e a sua intencionalidade pedagógica, à especificidade do contexto.

A próxima nota de campo, retrata-nos aspetos ligados aos conceitos matemáticos. Por outro lado, mostra-nos como é possível a partir de uma

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

situação espontânea criar e desenvolver aprendizagens ativas promotoras do desenvolvimento global da criança.

O G. (31 meses), o F. (33 meses) e a I. (35 meses), estão todos juntos na área da casinha das bonecas a brincar e começam por levar os brinquedos daquela área para outras zonas da sala.

O F. começa por levar a cama das bonecas para junto da área de leitura, o G. leva os copos para cima do balancé e a I. leva o forno para junto da janela, colocando-se perto do F. (o cantinho da leitura está muito próximo da janela). Ao pé do forno a I. com as mãos finge estar abrir uma torneira e a seguir passa com as mesmas pela cabeça e pela barriga do boneco do F. De seguida, emite o som “shhh...” e passa as mãos por todo o corpo do boneco.

Após algum tempo de observação (cerca de 5 minutos) pergunto à criança se me quer ajudar a dar banho ao boneco. A I. responde de imediato que sim com a cabeça e pergunto-lhe se quer ir comigo buscar um alguidar para fazer de banheira para poder concretizar esta ação. A criança acompanha-me até à casa de banho e deixo-a escolher um alguidar dos maiores para que a mesma possa colocar as mãos entre o boneco e o alguidar. Colocamos água morna dentro do alguidar e coloco-o junto à janela como a criança queria. A I. ajoelhou-se e meteu o boneco dentro de água com todo o cuidado como se fosse um bebé a sério. A I. quando meteu as mãos dentro da água, disse: “Lúchia está quentinha!” E eu respondo: “Hum, que bom assim o bebé não apanha frio. Está morninha.”

A I. continuou a brincar com o seu boneco dentro de água, cerca de (10 minutos). A seguir, a I. foi buscar um outro alguidar à casa de banho e passou pela casinha e tirou três copos de dentro do armário. Colocou este segundo alguidar junto ao outro e começa a encher e a esvaziar com água de um alguidar para o outro.

Repetiu esta ação várias vezes e o F. e o G. aproximaram-se da I. e repetem o que a criança está a fazer.

(Nota de campo nº 12, 9/04/13)

Considero fundamental que o adulto permita a liberdade de escolha às crianças, incentivando-as que sejam elas próprias a fazer as suas escolhas. Uma das formas do adulto permitir que a criança adquira novas aprendizagens

passa pelo facto de darmos oportunidade a que os objetos se transportem de umas áreas para as outras.

“ (...) independentemente do sítio onde as coisas estão guardadas e da área a que estão associadas, muitos objetos e materiais andam por todo o infantário de acordo com as necessidades e os desejos das crianças.” . Post e Hohmann (2003, p.170)

Através de pequenas brincadeiras do quotidiano, os conceitos matemáticos estão interligados com as mesmas. É importante termos um olhar mais atento a este tipo de situações, para que possamos dar-lhes sentido e transmitirmos corretamente essa mensagem à criança. Só o facto de a I. estar a brincar com a água enchendo e esvaziando de uma alguidar para o outro com um copo, é algo que a satisfaz e proporciona-lhe aprendizagens mais ativas.

“O simples facto de encher e esvaziar é uma atividade satisfatória (...) muitas crianças encontram sossego e bem estar nos atos de encher, decantar e despejar dado que podem usar materiais e ações familiares enquanto mantêm um olhar atento sobre o que está a acontecer no resto do contexto. Em simultâneo, ganham experiência com a junção de objetos (encher) e a sua separação (esvaziar) atos que eventualmente os ajudam a ver os objetos como separados ou unidos no espaço.” (Hohmann e Weikart, 2003, p.741).

Quanto à Categoria D – Brincadeira construtiva

Este tipo de brincadeira construtiva, surge após os dois anos e corresponde à exploração de objetos com o intuito de criar algo. Por exemplo, brincam livremente com os legos e realizam determinadas construções, brincam com a terra, com pedras ou com outros objetos naturais.

A nota de campo que em abaixo se apresenta, refere-nos situações de construção e desconstrução realizadas pelas três crianças, com o objetivo de construírem uma torre.

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

O G. e a M. colocam peças umas em cima das outras com alguma dificuldade e pedem-me ajuda, a B. empurra a torre de legos com as mãos.

As três crianças riem-se e batem palmas.

Voltam a construir a torre.

A B. levanta-se e tenta colocar uma peça, mas desequilibra-se e cai juntamente com a torre. De novo riem-se e batem palmas. O G. desiste da torre, agarra em duas peças das maiores e empurra-as pela sala fora de um lado para o outro, emitindo sons como se fosse um carro. A B. e a M. continuaram a empilhar as peças, a M. pediu a minha ajuda, a B. voltou a derrubar a torre.

(Nota de campo nº 4, 11/03/13)

Como nos refere a nota de campo, as três crianças começam por explorar os objetos e de seguida, iniciaram sequências de construção e desconstrução, durante várias vezes, com o intuito de criarem algo.

Como se observou na nota de campo, o G. desiste da brincadeira, pega numa peça do lego e usa-a como se fosse um carro emitindo o som. Esta criança utiliza a peça do lego de uma forma diferente, passando a dirigir o seu comportamento consoante o significado que atribui à mesma. “A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê”. Vygotsky (1998, p. 127)

Ao brincar, a criança consegue separar o significado do objeto, e a ação surge das ideias, não das coisas. Por exemplo: um cabo de madeira pode transformar-se num cavalo.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no facto desta atividade contribuir para que a criança seja capaz de atribuir diferentes funções ao mesmo objeto. Assim, a mesma peça de lego que é utilizada para construir torres, vai servir também de carro, atribuindo-lhe mais do que uma função.

“Materiais que oferecem diferentes possibilidades de “fazer de conta”, permitindo à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos”. Lopes da Silva, (2005, p.60)

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

O brinquedo provê, deste modo, uma situação de transição entre a ação da criança com objetos concretos e suas ações com significados.

Após algumas leituras e reflexões no decorrer deste estudo exploratório, questionei-me porque razão é que as crianças querem brincar e porque lhes dá tanto prazer este tipo de prática. É fundamental valorizarmos as suas experiências transmitindo ideias e materiais mas “ (...) não em excesso, visto que as crianças são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, e isso dá-lhes prazer.” Winnicott (1979, p. 161)

V. Considerações Finais

Este capítulo consiste em realizar um breve resumo sobre os aspetos importantes do trabalho. Assim, e porque se trata de evidenciar tais aspetos fundamentais relacionando-os entre eles e fazendo a sua interligação, agora numa perspetiva conclusiva, começo por relembrar os objetivos que delineei, avaliando se foram ou não alcançados.

Relativamente ao primeiro objetivo - **Perceber a importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança**, considero que o mesmo foi alcançado na medida em que consegui perceber e concluir que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da criança, em contexto de Creche. Dado que, brincar não significa somente entretenimento, mas é também uma forma de as crianças aprenderem e de apreenderem o mundo que as rodeia, a brincadeira é consagrada como atividade essencial ao desenvolvimento infantil.

Quanto ao segundo objetivo - **Perceber se o educador deve ou não intervir na brincadeira das crianças**, entendo que o mesmo foi alcançado, na medida em que, consegui perceber que o educador deve encarar e criar condições para a criança nas situações de brincadeira poder evoluir autonomamente, por isso, não deve interferir demasiado para não retirar a autonomia, pois o brincar é uma forma de as crianças tentarem resolver os seus próprios conflitos. O facto do educador respeitar a individualidade de cada criança, permite que a mesma se desenvolva através de várias interações, brincadeiras e jogos. Todas estas interações reforçam-se pelo respeito da individualidade de cada criança e pelas relações de afeto que se estabelecem com cada uma.

Quanto ao terceiro objetivo - **Compreender se o educador deve ser mero observador ou participante na brincadeira**, penso que consegui concluir que, o papel do adulto deve ser facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, criando condições que potenciem esse desenvolvimento. O adulto medeia as atividades e as aprendizagens e motiva-as para explorar o meio envolvente. Neste sentido, ao sermos mediadores, ao colocarmos questões sobre a ação da criança e darmos tempo para as

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

crianças responderem sem nos anteciparmos, estamos a facilitar a sua aprendizagem.

Esta reflexão sobre o tema permitiu-me dar resposta à questão – problema, bem como às questões daí correntes sobre as quais me debrucei - **Qual o papel do educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche?**

Deste questão problema decorreram ainda outras três questões que me ajudaram a clarificar aspetos particulares sobre o tema:

- a) Qual a importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança?**
- b) Deve o Educador intervir ou não na brincadeira das crianças?**
- c) O Educador deve ser ou não mediador da brincadeira e com que intencionalidade?**

Através da reflexão sobre a teoria e dos dados recolhidos das notas de campo considero que, foram respondidas as questões apresentadas, tendo como referência a informação recolhida no enquadramento teórico, bem como a informação recolhida no terreno que foi organizada em função das categorias referenciadas por Buhler (1984).

Assim, neste estudo exploratório apresentam-se quatro categorias, entre elas: brincadeira **Funcional; Ficcional; Recetiva; Construtiva.**

Nestes quatro tipos de brincadeira as notas de campo revelam que, as crianças experienciam diferentes situações utilizando materiais disponíveis na sala consoante o significado que lhe atribuem. Por outro lado, pode-se inferir ainda, que qualquer dos diferentes tipos de jogos promovem o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Assim, a observação que o educador faz durante sua prática, bem como a reflexão dá-lhe a possibilidade de compreender qual a intervenção mais adequada no decurso da brincadeira das crianças, se participar diretamente nas mesmas, ou deixá-las brincar autonomamente, de acordo com a sua intencionalidade pedagógica.

Para mim, todo este processo foi fundamental para compreender este estudo exploratório, desde as aulas de investigação aos estágios. O educador deve

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

dar significado às coisas, deve ser reflexivo na sua prática e ter sempre como preocupação a sua intencionalidade pedagógica. Só desta forma, o educador poderá melhorar a qualidade das práticas e crescer enquanto pessoa e profissional. Pessoalmente, foi importante compreender que o ato de observar, refletir e registar deverão ser uma rotina para o educador. A partir destes atos, o educador terá a oportunidade de adequar a sua prática pedagógica e ir ao encontro das necessidades de cada criança. Através do presente estudo exploratório, poderei no futuro dar uma melhor resposta às crianças num contexto de brincadeira, compreendendo assim o modo como devo intervir e mediar estas ações.

Com a realização deste relatório final, tentei compreender que enquanto futura educadora é importante estar atenta às brincadeiras que surgem das crianças. Este trabalho sensibilizou-me para o modo como devo actuar, uma vez que percebi a importância da brincadeira.

Penso que, ao focar-me no papel do educador foi essencial, uma vez que na minha prática pedagógica, refletia muitas vezes acerca da importância dos objetos para a criança.

Quanto às limitações, independentemente do prazer ao elaborar este estudo exploratório e o facto de ter conseguido conciliar o meu trabalho como estagiária, considero que existem dificuldades na realização do mesmo, entre elas: a falta de tempo para poder aprofundar melhor este estudo, foi uma enorme limitação. Por outro lado, debati-me com a falta de algumas referências documentais quanto a esta temática, e relacionando-se a mesma com várias áreas científicas foi-me muito difícil conjugar e articular os dados empíricos (notas de campo) com a fundamentação teórica em causa, bem como com o guião deste trabalho.

Apesar das limitações acima descritas, este estudo foi uma mais valia na minha aprendizagem, por isso, gostaria de o aprofundar, para entender como é que os diferentes tipos de brincadeira se manifestam com crianças em idades compreendidas entre os 3 os 5 anos.

VI. Referências Bibliográficas

Barone, F. (2010). Manual do trabalho escolar. Lisboa: ESEIMU

Bettelheim, B. (1998). Uma vida para o seu filho: pais bons o bastante. Rio de Janeiro: Campus

Bogdan, R. e Bliklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora

Branco, M. (2000). Vida e obra de João dos Santos. Lisboa: Livros Horizonte

Brazelton, T. (1998). O Grande Livro da Criança. O Desenvolvimento Emocional e do Comportamento Durante os Primeiros Anos. Lisboa: Editorial Presença

Chateau, J. (1961). A Criança e o Jogo. Lisboa: Atlântida

Craidy, C. E Kaercher, G. (2001). Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre

Crescenti, G. (2010). O Jogo Simbólico: O Olhar de Docentes de Educação Infantil. UFRGS: Porto Alegre

Esteves, S. (2005). A Afectividade e a Relação Pedagógica. Cadernos de Educação de Infância

Faria, A. (1994). O Pensamento e a Linguagem da Criança Segundo Piaget. São Paulo: Ática

Ferraz, M. (2009). Terapias Expressivas Integradas. Tuttirév: Editorial. Vol. I

Freire, P. (2003). Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Gaspar, M. (2010). Brincar e Criar Zonas de Desenvolvimento Próximo: A Voz de Vigotsky. Cadernos de Educação de Infância

Guerra, I. (2000). Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais. Cascais: Princípia

Garvey, C. (1990). Brincar. Moraes Editores

Gesell, A. (1979). A Criança dos 0 aos 5 anos. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Gomes Pedro, M. (1999). O Brincar e os Brinquedos. ESEIMU: Lisboa

Hohmann, M. e Weikart, D. (2003). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Neto, C. (1997). O Jogo e Desenvolvimento da Criança. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa

Oliveira, Vitorino e Luís (2005). Papel do Educador como Mediador de Aprendizagem e Organizador do Espaço e Materiais em Contexto de Creche. Em Actas do 1º Congresso Internacional de Aprendizagem na Educação de Infância, Porto: Gailivro

Parente, C. (2012). Observar e Escutar na Creche para Aprender sobre a Criança. Lisboa: casa de Trabalho

Post, J. E Hohmann, M. (2003). Educação de Bebés em Infantários. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Portugal, G. (1998). Crianças, Famílias e Creches. Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche. Porto: Porto Editora

O papel do Educador na brincadeira das crianças, em contexto de creche.

Ramiro, M. (1998). Ensinar a ler, aprender a ler. Lisboa: Texto Editores

Roque, L. e Rodrigues, S. (2005). A Vida a Brincar. Cadernos de Educação de Infância

Silva, L. (2007). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: DGIDC-ME

Tavares, S. (2010). Relações Pedagógicas em Creche. Cadernos de Educação de Infância

Vasconcelos, T. (2012). Recomendação do Conselho Nacional de Educação sobre Educação das Crianças dos 0 aos 3 anos – propostas para a “criança futura”. Cadernos de Educação de Infância

Vygostky, L. (1992). Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone

Anexos

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Brincar/Jogo de encaixe

Data: 29 de Novembro 2012

Hora: 10h20

Local: Sala do Arco-Íris (Creche Zambujal)

Intervenientes: uma criança e eu (estagiária)

Sexo: Masculino

Idade: 17 Meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O S. tem a iniciativa de ir buscar um jogo de encaixe (5 copos cilíndricos de 5 tamanhos e cores diferentes). No chão espalha os 5 copos e tenta encaixa-los uns dentro dos outros.</p> <p>Encaixa 2, tenta encaixar o 3º, mas não cabe. Desencaixa-as e tenta de novo. Consegue encaixar 3, primeiro a amarela, depois a azul e por fim a rosa. Tenta encaixar a roxa, mas esta não cabe. Grita “AH!” e atira com as peças ao chão, soltam-se, e bate duas vezes nelas com as mãos.</p> <p>Insiste no jogo por três vezes, à quarta tentativa desiste do jogo e abandona-o.</p> <p>Enfia uma peça pequena dentro da grande, depois tenta enfiar a média, mas não cabe. Atira novamente as</p>	<p>- Será que foi buscar o jogo porque, consegue sempre realizá-lo com sucesso?</p> <p>- Apresenta muita dificuldade em lidar com a frustração.</p> <p>- Fez várias tentativas, é persistente, mas quando não consegue introduzir as peças mostra-se irritado, grita, bate nas peças e atira com elas.</p> <p>- Devo ajudar o S. no jogo para que não desista, ou deve tentar sozinho?</p> <p>- Qual o papel do adulto quando a criança não tem sucesso na tarefa?</p>

peças ao chão e abandona o jogo.	
----------------------------------	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Segundo Piaget, (1982), as idades compreendidas entre os 0 e 2 anos, estão no período sensório motor. Esta fase compreende as acções de repetição, reconhecimento sensório motor, generalização sensória motora e o raciocínio prático. Alguns dos brinquedos possíveis e aconselhados para a faixa etária são: **brinquedos sonoros, livros, cubos, peças de encaixe, entre outros.**

“Enquanto observo o bebé a brincar, a minha principal preocupação não diz apenas respeito ao seu desenvolvimento físico e neurológico, mas também à eficácia com que tenta dominar várias tarefas, continua a tentar?, espera ser bem sucedido?, quando o consegue, conta com a aprovação dos que o rodeiam? Ou: Desiste facilmente? Tenta desviar a atenção de uma tarefa que sabe não conseguir executar? Compreende que não é capaz e olha para os pais, procurando o seu olhar de reprovação?” Segundo T. Brazelton, a criança deverá ser encorajada na concretização da tarefa. Brazelton T. (1995: 181). O grande livro da criança. Editora Presença.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

15

Situação: Jogo Simbólico/ Interacção com o adulto

Data: 8 de Maio 2013

Hora: 10h30

Local: Salado Arco-Íris – Lado Esquerdo (Creche Zambujal)

Intervenientes: uma criança (M.) e eu (estagiária)

Sexo: Feminino

Idade: 22 meses;

Outros indicadores de Contexto: A criança traz sempre este brinquedo consigo de casa.

Descrição	Inferência
<p>A M. está sozinha a brincar com um tacho na mão e coloca-o em cima da barriga de um peluche. O tacho de imediato cai no chão.</p> <p>A M. agarra-o e coloca-o novamente em cima da barriga do peluche, tentando equilibrá-lo com as suas mãos e de seguida tenta deitar-se em cima do mesmo. O tacho volta a cair no chão. Pára, olha para o tacho agarra-o e diz: “um, dois, três macaquinho do chinês”. E atira-se de novo para o chão, levando o tacho e o peluche consigo.</p> <p>Digo: “Que estás a fazer M. com o peluche e o tacho?” A criança começa a sorrir para mim. Coloco-me atrás dela e peço-lhe ara agarrar no tacho.</p>	<ul style="list-style-type: none">- Será que a criança repetiu várias vezes esta ação por lhe dar prazer de ouvir o tacho a cair no chão?- Ou será que simplesmente queria tentar equilibrar aquele objecto no seu brinquedo favorito?- Ou será que a criança colocou o tacho em cima do brinquedo como se se tratasse de uma pessoa?

<p>A M. agarra no tacho e eu digo:”um, dois, três, macaquinho do chinês!” e atiro-me para o chão agarrando a M. Repito esta ação por três vezes. E a criança sorri e pede mais.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Sempre que uma criança traz um brinquedo de casa, costume brincar com a mesma com o seu objecto e acrescento outros materiais da sala às nossas brincadeiras. Normalmente, quando termino uma lengalenga agarro nas crianças e atiramo-nos para o chão.</p> <p>Penso que, todas as minhas atitudes e comportamentos de algum modo influenciam os comportamentos das crianças. Verifiquei que, ao ter participado na sua brincadeira, consegui proporcionar um momento de lazer e de satisfação para a criança. A M. nesta situação estava a repetir precisamente o que eu faço com as outras crianças, colocando o tacho em cima de um objecto e verbalizar a lengalenga.</p> <p>Deste modo, a criança demonstra ter um desenvolvimento saudável e harmonioso, se lhe transmitirmos, confiança, segurança e afecto.</p> <p>Segundo González – Mena e Eyer (1989, citado em Gabriela Portugal, 1998: 205) “os adultos são educadores e as crianças desenvolvem-se através das diferentes interações, actividades, cuidados e jogo.”</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Brincadeira na casinha das bonecas

Data: 21 Março de 2013

Hora: 9h50

Local: Sala do Arco-Íris (Creche do Zambujal)

Intervenientes: R. e estagiária

Sexo: Masculino

Idade: R. 24 Meses;

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O R. vai buscar uma frigideira à gaveta, tapa a cara com ela e diz: - cucú! Não “tá” cá! Depois agarra numa colher e mexe dentro da frigideira e depois mete a colher na boca e diz: - papa! Senta-se no chão, larga a frigideira e agarra numa peça do jogo de encaixe e com a colher, volta a mexer. Mete a colher na boca e eu pergunto: - É sopa? O R. responde: - Sopa! Hum!</p> <p>Pergunto: - É boa? o R. tenta meter-me a colher na boca, finjo que como e digo: - que bom! O R. sorri.</p> <p>Agora usa a frigideira, na cabeça e diz: - “tapéu”!</p> <p>Pergunto: - Tens um chapéu na cabeça? O R. acena com a cabeça a</p>	<p>O R. mexe com a colher dentro da peça do jogo, como se mexe um tacho e utiliza-a como se fosse um prato.</p> <p>Usa a frigideira como se fosse um chapéu?</p> <p>O que a leva a utilizar um objeto ou brinquedo para outro fim?</p>

<p>confirmar. Põe a frigideira na minha cabeça e volta a dizer: - “tapéu”! e sorri.</p> <p>Digo: - Dás-me o teu chapéu? O R. acena com a cabeça a confirmar.</p> <p>Depois tira-me a frigideira e volta a usá-la como prato.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Mais uma vez, a ação desta brincadeira descrita na nota de campo, recai na metamorfose e dupla função do objeto, quando o R. transforma a peça de encaixe num tacho ou usa a frigideira como chapéu. Mas esta criança, também está a imitar situações que observa e vivência no seu dia-a-dia, como quando está a simular que come sopa com a colher. Post & Hohmann, (2007) defendem que, as crianças imitam situações do quotidiano, que observam no seu dia-a-dia, como falar ao telefone, pôr a mesa, calçar sapatos, dar o biberão ao bebé, entre outras. Poderão também começar a brincar ao faz de conta, por exemplo, fingindo que uma almofada é uma cama para bonecas ou que uma panela é um chapéu (p.158).</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Jogo Simbólico

Data: 24 Abril 2013

Hora: 10h00

Local: Sala do Arco-Íris (Creche Zambujal)

Intervenientes: duas crianças (B. e a L.) e eu (estagiária)

Sexo: Feminino (respectivamente)

Idade: 24 meses; 26 meses;

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A B. e a L. estão as duas a brincarem na área da casinha e começam por agarrar em alguns objectos (pratos e copos) e atiram-nos para o meio do chão. Aproximei-me e disse-lhes: “Quem me ajuda apanhar os nossos brinquedos do chão e a colocá-los em cima da mesa?”. Ambas não responderam mas começaram ajudar-me apanhar os objectos do chão. A L. agarrou numa caixa de cartão que se encontra numa prateleira do armário junto à casinha e atirou com os pratos lá para dentro. A B. recomeçou a atirar com os copos para o chão. Eu agarrei na mão dela e disse-lhe: “B. tu não vês a mãe e a mana atirarem com os copos para o chão lá em casa pois</p>	<p>- Será que devia ter agido de outra forma? Será que devia ter questionado as crianças porque é que estavam a ter aquele comportamento?</p> <p>- Será que devo disponibilizar mais tempo com a B. nas diversas áreas da sala?</p>

<p>não? Estes copos servem para nós bebermos a nossa água ao almoço e o nosso leitunho à hora do lanche. Queres que a nossa sala fique sem copos e sem brinquedos? Não pode ser. Anda, ajuda a Lúcia apanhar os copos do chão”. Neste momento a B. começou por agarrar nos copos com as mãos e colocou-os em cima da mesa. Sentei-me junto delas e digo: “agora vamos aquecer o leite a avózinha(vizinha muito velhinha que vive no prédio que nos faz uma visita todos os dias para cumprimentar os meninos antes de ir para o lar) e fazer uns bolinhos de laranja. Onde é que vamos fazer os bolinhos? No forno? (...)”</p> <p>Passado pouco tempo (5 minutos aproximadamente) saí da mesa, dei-lhes uma toalha e deixei as crianças brincarem livremente. Ambas ficaram junto à mesa ao lado do fogão, colocaram a toalha e sentaram-se nas cadeiras a fingirem que estavam a conversar com as chaves nas mãos.</p>	<p>- Será que a minha postura influenciou a brincadeira que as crianças queriam realizar?</p> <p>- Será que devo proporcionar mais situações faz-de-conta com a B.?</p> <p>- Será que devia ter continuado a brincadeira com as crianças?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

É pertinente que o educador brinque com as suas crianças mas é fundamental que o mesmo lhes proporcione oportunidades de saberem brincar a pares e organizarem as suas próprias brincadeiras.

A sala é composta por elementos com uma faixa etária mais elevada (aproximadamente 2 anos e meio/3 anos) e torna-se importante que o educador as chame atenção de um forma positiva, pois estão numa idade social imitativa.

“O papel da educadora em ajudar as crianças a brincar é agora menos activo do que era antes. Pode melhorar e ampliar a brincadeira, deixando-se ficar ali perto e sugerindo ideias criativas.” (Gesell, 1979: 312)

É fundamental que o educador esteja atento e disponível para poder ir ao encontro das necessidades das crianças e para que as mesmas possam evoluir nas suas brincadeiras.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Jogo Simbólico

Data: 9 de Abril 2013

Hora: 11h10

Local: Sala do Arco-Íris – Lado direito (Creche Zambujal)

Intervenientes: três crianças (I., F, G.) e eu (estagiária)

Sexo: Feminino e masculino (respectivamente)

Idade: 31 meses, 33 meses, 35 meses

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O G. (31meses), o F. (33meses) e a I. (35 meses), estão todos juntos na área da casinha das bonecas a brincarem e começam por levar os brinquedos daquela área para outras zonas da sala.</p> <p>O F. começa por levar a cama das bonecas para junto da área de leitura, o G. leva os copos para cima do balancé e a I. leva o forno para junto da janela, colocandando-se perto do F. (o cantinho da leitura está muito próximo da janela). Ao pé do forno a I. com as mãos finge estar abrir uma torneira e a seguir passa com as mesmas pela cabeça e pela barriga do boneco do F. De seguida, emite o som “shhh...” e passa as mãos por</p>	<p>- Será que agi correctamente ao ter permitido que as crianças conduzissem alguns materiais de uma determinada área para outras zonas da sala?</p> <p>- Qual será a necessidade que as crianças sentem ao brincarem com objectos que lhes familiares noutras áreas completamente diferentes?</p>

<p>todo o corpo do boneco.</p> <p>Após algum tempo de observação (cerca de 5 minutos) pergunto à criança se me quer ajudar a dar banho ao boneco. A I. responde de imediato que sim com a cabeça e pergunto-lhe se quer ir comigo buscar um alguidar para fazer de banheira para poder concretizar esta ação. A criança acompanha-me até à casa de banho e deixo-a escolher um alguidar dos maiores para que a mesma possa colocar as mãos entre o boneco e o alguidar. Colocamos água morna dentro do alguidar e coloco-o junto à janela como a criança queria. A I. ajoelhou-se e meteu o boneco dentro de água com todo o cuidado como se fosse um bebé a sério. A I. quando meteu as mãos dentro da água, disse: “Lúchia está quentinha!” E eu respondo: “Hum, que bom assim o bebé não apanha frio. Está morninha.” A I. continuou a brincar com o seu boneco dentro de água, cerca de (10 minutos). A seguir, a I. foi buscar um outro alguidar à casa de banho e passou pela casinha e tirou três copos de dentro do armário. Colocou este segundo alguidar junto ao outro e começa a encher e a esvaziar com água de um alguidar para o outro. Repetiu esta ação várias vezes e o F.</p>	<p>- Terei procedido correctamente ao ter sugerido à criança que utilizasse um alguidar para dar continuidade à sua ação e por que não outro tipo de material?</p> <p>- O que terei promovido na aprendizagem da criança, ao ter incentivado a mesma na ação que estava a realizar?</p> <p>- Será que as minhas palavras ou atitude influenciaram a criança a ir buscar apenas aquele tipo de objectos?</p>
--	---

e o G. aproximaram-se da I. e repetem o que a criança está a fazer.	
---	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Pessoalmente, considero fundamental darmos liberdade de escolha às crianças e incentivá-las para o mesmo. Penso que tenha sido enriquecedor para a criança como realmente se dá banho a um bebé e como é importante sabermos tratar deles. Uma das formas do adulto permitir que a criança adquira novas aprendizagens passa pelo facto de darmos oportunidade a que os objectos se transportem de umas áreas para as outras. Post e Hohmann (2003: 170) afirmam que “ (...) independentemente do sítio onde as coisas estão guardadas e da área a que estão associadas, muitos objectos e materiais andam por todo o infantário de acordo com as necessidades e os desejos das crianças.”

Através de pequenas brincadeiras do quotidiano, os conceitos matemáticos estão constantemente interligados às mesmas. É importante termos um olhar mais atento a este tipo de situações, para que possamos dar-lhes sentido e transmitirmos correctamente essa mensagem à criança. Só o facto de a I. estar a brincar com a água enchendo e esvaziando de uma alguidar para o outro com um copo, é algo que a satisfaz e proporciona-lhe aprendizagens mais activas.

“O simples facto de encher e esvaziar é uma actividade satisfatória (...) muitas crianças encontram sossego e bem estar nos actos de encher, decantar e despejar dado que podem usar materiais e ações familiares enquanto mantêm um olhar atento sobre o que está a acontecer no resto do contexto. Em simultâneo, ganham experiência com a junção de objectos (encher) e a sua separação (esvaziar) actos que eventualmente os ajudam a ver os objectos como separados ou unidos no espaço.” (Hohmann e Weikart, 2003: 741).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Brincar/construções com legos

Data: 11 de Março de 2013

Hora: 10h45

Local: Sala do Arco-Íris (Creche do Zambujal)

Intervenientes: B., G., M. e responsável de sala

Sexo: B. E M. feminino; G. Masculino;

Idade: 20Meses; 24 Meses; 24 Meses;

Outros indicadores de Contexto: As crianças e eu estamos no chão a fazer construções com legos

Descrição	Inferência
<p>O G. e a M. colocam peças umas em cima das outras com alguma dificuldade e pedem-me ajuda, a B. empurra a torre de legos com as mãos.</p> <p>As três crianças riem-se e batem palmas.</p> <p>Voltam a construir a torre.</p> <p>A B. levanta-se e tenta colocar uma peça, mas desequilibra-se e cai juntamente com a torre. De novo riem-se e batem palmas. O G. desiste da torre, agarra em duas peças das maiores e empurra-as pela sala fora de um lado para o outro como se fossem carros. A B. e a M. continuaram a empilhar as peças, a</p>	<p>As crianças da sala apreciam brincar com jogos de encaixe, nomeadamente com as peças de lego que são grandes e de mais fácil manipulação, pois todas encaixam umas nas outras.</p> <p>Por vezes são as crianças que tomam a iniciativa de brincarem com as peças, mas desta vez fui eu que iniciei o jogo de forma a conseguir realizar uma actividade com todas as crianças e ao mesmo tempo.</p> <p>A B. é a que tem mais dificuldade, mas também é a mais nova. É notória a sua satisfação e prazer ao derrubar a torre, mostrando ser o seu objectivo nesta brincadeira.</p> <p>Porque é que as crianças gostam de</p>

M. pediu a minha ajuda, a B. voltou a derrubar a torre.	<p>jogos de construir e desconstruir?</p> <p>Porque é que desconstroem o que construíram?</p> <p>O G. desinteressa-se da brincadeira a meio da actividade, mas transforma duas peças do lego em dois carrinhos que empurrou pela sala fora, (jogo simbólico).</p> <p>Será que os jogos têm dupla função para a criança?</p>
---	---

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

É referido que o G. empurra e usa uma peça de lego como se de um carro se tratasse. Esta criança teve uma perceção diferente e está a dar uma utilidade ao lego para a qual não está destinada, passando a dirigir o seu comportamento também por meio do significado dessa situação. Vygotsky (1998). “A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê” (p.127). Ao brincar, a criança consegue separar o significado do objeto, e a ação surge das ideias, não das coisas. Por exemplo: um cabo de madeira pode transformar-se num cavalo.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no facto desta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira.

A mesma peça de lego que é utilizada para construir torres, vai servir também de carro, atribuindo-lhe mais do que uma função.

Segundo as Orientações curriculares do pré-escolar, (2005) “Materiais que oferecem diferentes possibilidades de “fazer de conta”, permitindo à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos” (p.60). O brinquedo provê, assim, uma situação de transição entre a ação da criança com objetos concretos e suas ações com significados.